

O instante certo

Dorrit Harazim

Copyright © 2016 by Dorrit Harazim

Os textos “Abutres ou heróis?”, “O fotógrafo da luz” e “Ódio revisitado” foram originalmente publicados na revista *Zum* e no site revistazum.com.br.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Maria Cecília Marra

FOTOS DE CAPA

Abaixo à esquerda, em sentido horário: © Assis Horta/ Cortesia de Isnard Horta; Lawrence H. Beidler/ Library of Congress; Sergei Mikhailovich Prokudin-Gorskii Collection/ Library of Congress; Cortesia da Gordon Parks Foundation; Kevin Carter/ Corbis Corporation/ Fotoarena; © Ruth Orkin; Jerzy Lewczyński, *Nieznany, z cyklu: Głowy wawelskie*, 1959 r., Muzeum w Gliwicach.

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

REVISÃO

Valquíria Della Pozza

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Harazim, Dorrit

O instante certo / Dorrit Harazim. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2719-1

1. Fotografia - História 2. Fotografia documentária 3.
Fotografias 4. Histórias de vida IV. Título.

16-02229

CDD-779.90704

Índice para catálogo sistemático:

I. Fotojornalismo : Fotografias : Coleções 779.90704

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

A foto imortal	11
Abutres ou heróis?	19
O clique único de Assis Horta	31
Marc Asnin na veia	47
O guardião da história	55
Viagens sem volta	67
O dono da imagem	77
Autópsia de uma ilusão	89
As múltiplas vidas de Lee Miller	97
O espírito livre de René Burri	111
A história em preto e branco	121
Ruth Orkin fez primeiro e melhor	131
O retratista do fluir da vida	139
As novas cores do Império Russo	147
A guerra é bela	155
A muralha esquecida	169
A cor de Gordon Parks — Parte I	175
Gordon Parks na Catacumba — Parte II	183
Sangue novo na guerra	193
O catador de imagens	203
O triunfo de W. Eugene Smith	211
O enigma Vivian Maier — Parte I	221
O enigma Vivian Maier — Parte II	229
O turismo da desolação	235
A segunda morte de Bill Epbridge	243
Anônimos	249
O fotógrafo da luz	257
Gursky nas alturas	273
A humanidade enjaulada	281
Retrato invisível	289
Ódio revisitado	295
A chave	303
Estúdio Malick	311
Loving Story	321
A fotografia descobre a América	333
Pássaro solitário	341
O cidadão Meeropol	355
Dennis Hopper, últimas fotos	367

Introdução

À primeira vista o personagem central dos textos aqui reunidos é a fotografia: tanto profissionais e amadores atuando na frente ou atrás das câmeras, como fotos isoladas vistas de raspão em algum lugar e que teimaram em não me sair da memória.

Mas não é bem isso. *O instante certo* é uma coletânea de histórias. Histórias por trás das imagens. E, por não se tratar de um livro sobre fotografia nem pretender apontar caminhos ou listar os mestres da arte, será de pouca serventia aos praticantes do ofício. É mais voltado para curiosos em geral. Através das imagens selecionadas embarca-se numa espécie de viagem sem roteiro, cujo destino final será sempre uma vinheta da vida e de seus solavancos.

Alguns dos fotógrafos citados eu conheci de perto; com outros cruzei acidentalmente ao longo de minha vida de repórter. A maioria viveu e olhou o mundo em épocas anteriores à minha — apenas me enfeitiçaram com as imagens que deixaram. De uns poucos foi preciso garimpar tudo, inclusive o nome, tão desconhecidos eram e tão transeuntes foram no métier. Mas, pelos flagrantes que capturaram ao acaso, me pareceram tão interessantes quanto os grandes mestres.

O conjunto de 38 textos reunidos neste volume não tem uniformidade de estilo. Escritos entre 1995 e 2016, eles foram publicados originalmente para leitores tão diferentes quanto os da extinta revista eletrônica *no.com*, a semanal *Veja*, a mensal *Piauí*, a trimestral *Zum* e seu site homônimo voltados para a fotografia, onde mantive uma coluna regular da qual brotou *O instante certo*.

Estes textos podem ser lidos em qualquer ordem, uma vez que nada os conecta além da minha curiosidade por certos flagrantes da história. Mais que a curiosidade, eles expõem a mi-

nha afinidade com determinados temas e minha forma pessoal de olhar — e ver — cada imagem. São impressões passíveis de muitas outras leituras. Até mesmo infinitas, pois o que cada pessoa vê ou deixa de ver numa foto mostra um pouco como ela é.

A alguns desses instantâneos dediquei uma atenção e atribuí um peso que talvez nem seus autores lhes confeririam. No posfácio procuro dar mais contexto a escolhas tão aleatórias.

A foto imortal

De efeito quase hipnótico, a imagem de beleza perturbadora exige mais que mera contemplação. Quem a vê pela primeira vez é compelido a escrutinar cada detalhe, decifrar o oculto por trás do enquadramento perfeito. Passados quase oitenta anos desde sua publicação na *Life*, ela mantém seu poder de sedução e impacto.

Estampada em página inteira na edição de 12 de maio de 1947, a intrigante fotografia apresentava uma legenda fora dos padrões da revista: “Ao pé do Empire State Building, o corpo de Evelyn McHale repousa serenamente num grotesco esquife. Ao cair, o corpo esmagou o teto de um carro estacionado”.

Um texto de parágrafo único informava o resto. Apesar da brevidade, era extraordinário:

Pouco depois de se despedir do noivo no dia 1º de maio a jovem Evelyn McHale, de 23 anos, escreveu um bilhete do qual riscara a frase “Ele ficará muito melhor sem mim... eu não seria boa esposa para ninguém”. Depois de subir no deque do observatório do Empire State Building, ela procurou o chão 86 andares abaixo e saltou. Em sua desesperada determinação, impulsionou-se além dos recuos do prédio e caiu sobre uma limusine pertencente às Nações Unidas. Do outro lado da rua o estudante de fotografia Robert C. Wiles ouviu o estrondo. Quatro minutos depois fez esta foto de violência e compostura na morte.

Peritos estimaram em dez segundos a duração da queda até o baque sobre a limusine. A cena captada por Wiles revela uma composição absurdamente harmoniosa: o corpo inerte

repousa intacto em meio ao metal retorcido, e da fisionomia de Evelyn emana uma placidez desconcertante. As pernas da jovem estão cruzadas com recato e a mão esquerda, enluvada, toca de leve o colar de pérolas também intacto. Não fosse pelas meias de náilon que lhe descem sobre os pés descalços, nada está em desalinho no flagrante imortalizado por Wiles.

Mas a realidade de uma foto não ultrapassa seu instante. Pelo relato dos jornais, a composição harmoniosa se desintegrou por completo pouco depois, no momento da remoção do corpo. As vísceras de Evelyn estavam liquefeitas.

O mais belo suicídio, como o instantâneo passou a ser conhecido, continua a ser republicado até os dias de hoje. Além de integrar todas as antologias de fotografia do século xx, já serviu de inspiração para músicos, poetas, artistas. Andy Warhol foi um dos que dele se apropriaram para criar o quadro *Suicide (Fallen Body)*, da sua série de múltiplos. A foto também chegou a ser usada em publicidade: a capa do catálogo de outono de 2011 do magazine americano Neiman Marcus retratou a atriz Drew Barrymore em pose e composição semelhantes.

Acumulando fama e cultuada mundo afora, a imagem adquiriu vida própria à revelia do autor, de quem nunca mais se ouviu falar. *O mais belo suicídio* terá sido a primeira e única fotografia publicada por Robert C. Wiles.

Na época ninguém parece ter se interessado em saber mais sobre o jovem aspirante a fotógrafo que o destino colocara na esquina da Quinta Avenida com a rua 34. Tampouco foi registrada a narrativa do que ele sentiu e de como reagiu ao que presenciou. Em contrapartida, a publicação do instantâneo desencadeou um interesse insaciável e duradouro por aquela desconhecida de sina tão trágica. Quem seria a bela adormecida que saltara para a morte de uma altura de 301 metros?

Até aquele dia primaveril, a vida parecia sorrir para Evelyn McHale. Bem-nascida, bonita e elegante, seu casamento estava marcado para o mês seguinte, junho. Caçula de sete irmãos, nascera em Berkeley, Califórnia, mas cresceu na Costa Leste

entre Washington e Nova York. Era pré-adolescente quando a mãe se desligara da família, pedira o divórcio por motivo não revelado e abriu mão da custódia dos oito filhos, que passaram à guarda do pai. Evelyn, depois de completar o ensino secundário no auge da Segunda Guerra Mundial, alistara-se no recém-criado e polêmico Programa Militar para Mulheres. Ao concluir o tempo de serviço, Ebby, como era chamada, incinerou o uniforme sem explicar o motivo e foi morar em Nova York com um dos irmãos. No mesmo ano em que começou a trabalhar numa gráfica, conheceu o jovem de quem ficaria noiva, Barry Rhodes, que acabara de ser liberado da Força Aérea e estudava numa universidade da Pensilvânia.

No dia do 24º aniversário do noivo, 30 de abril, Evelyn decidira visitá-lo no campus para comemorarem a data juntos. Retornou a Manhattan já na manhã seguinte, numa viagem de trem de pouco mais de uma hora. “Quando nos despedimos com um beijo”, contou Barry, “ela estava alegre como qualquer jovem às vésperas do casamento.”

Em vez de voltar para casa, porém, Evelyn registrou-se no Governor Clinton da Sétima Avenida, hotel a três quadras do Empire State Building. Foi no quarto do hotel que redigiu o bilhete de despedida.

Às dez e meia estava na bilheteria do célebre arranha-céu de estilo art déco comprando o ingresso para o observatório panorâmico do 86º andar. Dez minutos depois um guarda de trânsito de plantão naquele trecho da Quinta Avenida avistou uma echarpe branca flutuando no alto do Empire State. O potente estrondo que se seguiu foi ouvido a quarteirões de distância e assinalou o impacto do corpo de Evelyn sobre o capô do Cadillac estacionado. A revista *Life* comprou todas as chapas batidas por Wiles. Optou por publicar apenas uma.

O primeiro detetive a chegar ao observatório ainda encontrou sobre a mureta protetora o capote de tecido claro que Evelyn dobrara com cuidado, além de um nécessaire com fotos da família da jovem e uma carteira preta contendo o bilhete de

despedida. “Não desejo que ninguém da família nem fora dela veja qualquer parte de mim”, dizia um trecho. “Peço que destruam meu corpo por cremação. Peço a vocês e à minha família: não façam nenhum serviço fúnebre para mim. Digam a meu pai que tenho tendências demais da minha mãe.”

Coube a uma das irmãs de Evelyn fazer o reconhecimento do corpo e zelar pelo cumprimento dos pedidos finais: não existe túmulo em nome de Evelyn McHale, não houve homenagem e suas cinzas jamais foram vistas. Mas quem escolhe saltar em plena luz do dia de um monumento arquitetônico fincado no miolo mais densamente povoado de Manhattan não deve esperar ter direito a uma morte silenciosa.

O Empire State Building, colosso de 102 andares erguidos em apenas 401 dias de trabalho insano, fora aberto ao público em 1º de maio de 1931 e recebido como símbolo de esperança no país traumatizado pelo colapso financeiro de dois anos antes. “Ele conseguiu alcançar o ponto mais alto do céu no momento mais baixo da Grande Depressão”, escreveu E. B. White. Até ser ultrapassado pela Torre Norte do World Trade Center de cruel memória, o Empire State reinou por quatro décadas como o edifício mais alto dos Estados Unidos.

Mais de 1 milhão de pessoas visitaram o seu observatório só no primeiro ano de funcionamento, entre elas o F. Scott Fitzgerald de “Minha cidade perdida”. Mas o ilustre arranha-céu também sempre serviu de ímã para desesperançados terminais — antes mesmo de o prédio ser inaugurado, um dos operários que o construíram foi o primeiro a ejetar-se de suas alturas.

Esclarecidos os dados básicos da biografia de Evelyn McHale, e revelada a cronologia factual de seu suicídio, faltava encontrar resposta para a pergunta-chave: o que a levou a abreviar a própria vida?

Quem está mais perto de equacionar o enigma é Lauren Anne Rice, aluna de criação literária na Universidade do Arizona. Ela nasceu no dia 12 de maio de 1991, 44 anos depois da publicação da imagem-ícone na *Life*. Desde que dela tomou co-

nhecimento, a universitária descobriu-se obcecada pelo caso e passou a varar noites vasculhando a internet em busca de pistas. Encontrou tão pouco que decidiu fazer um estudo mais aprofundado da passagem de Evelyn pela vida. Ao longo de dez meses de pesquisa fuçou, investigou, entrevistou, anotou. Em 2014, aos 23 anos — mesma idade de Evelyn ao morrer —, Lauren percebeu-se pronta para escrever uma biografia.

Sem meios para bancar o projeto, lançou uma campanha de financiamento coletivo que nas três semanas iniciais arrecadou seiscentos dólares — pouco, mas o suficiente para a elaboração de uma primeira versão de um futuro livro. Além disso, começou a receber orientação editorial gratuita de alguns professores e escritores.

Sua investigação não tomou como ponto de partida a frase do bilhete riscada na última hora (“Ele ficará muito melhor sem mim... eu não seria boa esposa para ninguém”). Foi outra frase do mesmo bilhete (“Digam a meu pai que tenho tendências demais da minha mãe”) que despertou na pesquisadora a compulsão para desvendar o enigma. A tese de Lauren Anne Rice é que Evelyn McHale sofria do transtorno, na época ainda não batizado, de bipolaridade e que ela, Lauren, conhece a fundo por tê-lo herdado da mãe.

Esse estranho entrelaçamento de vidas parece longe de esgotado. A começar pelo filão até hoje inexplorado do garoto de câmera na mão que numa manhã de 1947 acionou o disparador e sumiu.

Novembro de 2014

Abutres ou heróis?

“Às vezes nos sentíamos como abutres. Pisamos em cadáveres, metafórica e literalmente, e fizemos disso nosso ganha-pão. Mas nunca matamos ninguém. Acredito que salvamos algumas vidas. E talvez nossas fotos tenham feito alguma diferença”, conclui Greg Marinovich, um dos quatro fotojornalistas sul-africanos que diariamente se embrenhavam nas cidades-dormitórios de Joanesburgo para fotografar a fase mais bestial (1990-94) da violência entre facções negras. Não fosse por Greg, João, Ken e Kevin, todos eles brancos de classe média, esse painel da brutalidade intestina na África do Sul talvez tivesse permanecido encoberto. Negros morriam como moscas, abatidos como gado — foram 16 mil, só na periferia da metrópole. As imagens da matança renderam prêmios internacionais e fama meteórica aos quatro amigos, até então desconhecidos da grande mídia. Ao longo do desmantelamento final do regime do apartheid — que começa com a libertação de Nelson Mandela após 27 anos de cadeia e vai até a sua eleição para presidente, em 1994 — Greg, João, Ken e Kevin fizeram história e foram notícia. O custo pessoal e emocional, porém, foi alto. *O Clube do Banguê-Banguê* é a história desse grupo contada através de uma só voz, a de Greg Marinovich. João Silva, que coassina o livro, continua fotografando, mas aprendeu a ter medo. Ken Oosterbroek morreu à vista dos companheiros no meio de uma fuzilaria, com o dedo ainda grudado no disparador da câmera. O quarto da gangue, Kevin Carter, suicidou-se aos 33 anos, com uma mangueira enfiada na boca. Acoplara a outra extremidade ao escapamento do carro.

Os quatro pertencem à raça dos jornalistas e fotógrafos que só se sentem vivos trabalhando em situações extremas

— e preferivelmente do outro lado do mundo, fora do alcance de contas a pagar, parentes a visitar, chefes burocráticos a suportar. Entra ano, sai ano, essa legião estrangeira se move entre focos de guerra e de miséria humana. Aos poucos vão se tornando apátridas no convívio social corriqueiro, desgarrados no tempo e no espaço. Como soldados retornados de uma guerra, têm dificuldades de interlocução em casa. De que adianta tentar contar uma alucinação, explicar que o medo tem cor, que a morte não existe — ou que o gênero humano já morreu? “Quando se tenta”, escreve Greg, “recebe-se um olhar de incompreensão ou de asco. Só conseguíamos falar dessas coisas entre nós.” O retorno à “vida civil” é quase impossível. Pouco a pouco, os laços familiares vão parecendo ralos e rasos quando comparados às vivências partilhadas com os companheiros de risco. “Sofro de depressão com o que vejo, tenho pesadelos. Me sinto alienado de gente normal, inclusive da minha família. Me sinto incapaz de entabular uma conversa social frívola. É como se uma cortina descesse. Me retraio para um lugar escuro”, admitia Kevin.

Talvez seja a categoria de trabalhadores que mais teme a aposentadoria.

Esse bando de profissionais nômades que competem entre si mas dependem um do outro, vive aos sobressaltos tentando farejar onde vai explodir a próxima crise. Para os jovens fotojornalistas do Clube do Banguê-Banguê, não foi preciso ir longe. A terra estrangeira em combustão estava logo ali, a menos de trinta quilômetros de suas casas. Mais precisamente, em Thokoza, Soweto, Boipatong, as cidades-dormitórios que durante décadas enjaularam os negros na periferia de Joanesburgo. Às vésperas do desmanche da estrutura do apartheid, os seguidores de Mandela e os partidários do chefe zulu Buthelezi apoiado pelos brancos se enfrentaram com fúria jamais vista.

Numa tarde de verão de 1990, Greg Marinovich, então com 27 anos, fazia sua ronda em Soweto, munido de algumas câmeras obsoletas. Ele tinha se iniciado na fotografia

como forma de conhecer vidas diferentes da sua. “Descobri que não há nada melhor do que uma câmera para dar vazão à curiosidade”, dizia. De fato, jornalistas e fotógrafos do mundo inteiro costumam se escudar nas demandas da profissão para fuçar, inquirir e invadir sem pedir licença. Greg lembra que naquele dia sentiu um medo indistinto e abstrato de ser morto. Conseguiu chegar ao interior de um alojamento coalhado de zulus, e viu um deles passar rapidamente pelo corredor, empunhando barras de ferro. Atrás, outro zulu brandia um cano de aço. Foram se juntar a um ruidoso grupo de homens que forçava a porta pintada de branco de um dos quartos. Tinham paus, pedras e lanças nas mãos. Pareciam se divertir antecipadamente. “Tem um xhosa escondido aí dentro, e ele está armado”, explicaram a Greg.

Quando a porta cedeu, uma figura negra com olhos de medo e turbante na cabeça tentou furar o cerco. Na mão, tinha apenas uma vassoura. A execução foi rápida. “Meus ouvidos registraram um som surdo de metal entrando em carne humana, seguido do tom oco de paus esmagando a ossatura do crânio”, lembra o fotógrafo. “Eram sons que eu nunca ouvira antes mas que tinham a sua lógica.” Greg se posicionara entre os matadores e começou a registrar tudo com uma lente grande-angular. Nem por um instante deixou de checar o fotômetro. Alternou com precisão o manuseio das duas câmeras que trazia dependuradas no pescoço — uma com filme preto e branco, a outra com cor. “Eu estava tão consciente do que fazia quanto do cheiro acre de sangue fresco... Aquela era a minha chance de deixar uma marca no universo do fotojornalismo”, relata no livro. Estava convencido da importância daquelas fotos brutais que, a seu ver, retratavam melhor que mil palavras o horror do que acontecia nas cidades-dormitórios. Voltou eletrizado para Joanesburgo e ofereceu seu material ao editor local da agência de notícias Associated Press (AP). Começava assim a se distanciar da malta de fotógrafos anônimos e eternamente duros.

Passou a frequentar a periferia quase diariamente. “Eu estava me viciando na adrenalina da ação e na ideia de estar fotografando a última arrancada do país rumo à sua libertação”, relembra. Ele conta sem adornos como foi catapultado do anonimato para o Prêmio Pulitzer de 1991: estava na hora certa no lugar certo (Soweto) quando um negro zulu suspeito de pertencer a uma facção oposta à dos partidários de Mandela teve a infelicidade de descer do trem na estação errada. Foi executado ali mesmo. Primeiro, o espancaram com ferocidade. Depois, perfuraram-lhe o peito com a faca curva de um atacante de camisa branca. Era apenas o começo.

Vi um garoto de barba ainda rala dar um passo à frente, ficar na ponta dos pés e enterrar outra faca no tórax da vítima, cujo olhar se mantinha vazio. Eu batia uma foto atrás da outra. Durante aqueles momentos cruciais, era como se eu tivesse perdido contato com o que ocorria à minha frente. Eu estava lá, mas não registrava nada através dos meus sentidos. As fotos que eu tirava mecanicamente, substituiriam mais tarde os acontecimentos que minha memória não guardaria.

Quando os matadores atearam fogo ao zulu, o fotômetro de Greg pifou. “Arrisquei uma abertura f.5 e apertei o disparador”, relembra. Por fim, um negro descalço e sem camisa entrou em quadro e arremessou um machete no que restava da cabeça da vítima. Greg saiu dali quando o moribundo ainda emitia um som monótono, aterrador. “Só no dia seguinte, lendo os jornais, vim a saber o nome do morto: Lindsaye Tshabalala. Nunca mais vou esquecer esse nome. Durante todo o tempo em que estive perto dele, ele era apenas um anônimo zulu.”

Apesar de receosa em divulgar imagens gráficas em excesso para o mercado americano — a tolerância dos jornais dos Estados Unidos com imagens cruas sempre foi menor do que na Europa —, a central da AP em Londres decidiu liberar a série para distribuição mundial. Como previsto, a grita foi grande

do outro lado do Atlântico, com diretores de jornal e publishers protestando alto. Mesmo assim, as imagens de Greg Marinovich ganharam o cobiçado Pulitzer na categoria Instantâneo.

Cabe, aqui, fazer um parêntese e uma pergunta. Mais ou menos na mesma época, um atentado terrorista em Jerusalém tinha espalhado o seu rastro de morte na rua. Entre as vítimas, uma senhora idosa e gorda estava esparramada no chão. De frente. A mulher castigada pela idade deixara havia muito de cuidar do corpo. Provavelmente já não o mostrava nem a si própria. Vestia roupas íntimas que mais pareciam uma armadura, de tão grandes. Imagine-se o horror dessa senhora, ou de seus familiares, ao ver aquele corpo escancarado em todos os jornais do mundo. Em meio às centenas de imagens do atentado disponíveis, por que não considerar essa também violenta? O que fere mais a identidade da vítima, a foto da senhora viva de Jerusalém ou a do zulu em chamas?

O Pulitzer teve efeito imediato sobre a carreira de Greg. Ele conseguiu seu primeiro contrato como correspondente de guerra na Croácia e em questão de dias estava na linha de frente, lugar reservado para a elite do jornalismo. “Descobri que gostava de guerra. Você sente uma excitação única, singular”, escreve. Era o traço comum mais forte do grupo.

Não é a qualidade do texto que faz de *O Clube do Banguê-Banguê* um livro notável. É a honestidade em deixar emergir as contradições, rancores e fraquezas do grupo. Como dizem os autores, acabou sendo uma viagem de descoberta e não um relato do que ocorreu. “Há muita raiva e amargura”, admite Greg.

“Tentei contar o número de cadáveres que eu já tinha fotografado, para ao menos reconhecer sua existência, mas não consegui. Cadáveres são objetos estranhos”, concluiu Greg. Num dia qualquer de chacina em Thokoza, sobraram 143 desses objetos estranhos nas ruas.

Ken Oosterbroek, por sua vez, começou na carreira oferecendo fotos clandestinas de seus tempos de serviço militar obrigatório no exército sul-africano. Também mantinha um

diário. Em 1989, ao ser premiado como Fotógrafo do Ano, fez uma anotação:

Noite maravilhosa, cheia de elogios, sorrisos, congratulações e um troféu em forma de fatia de queijo. Na manhã seguinte, espécie de vazio. E agora? Que me deem a chance de fotografar algo de magnitude. A vida real, enquanto ela ocorre. Quero um trabalho de impacto. Algo que faça subir a adrenalina, que inunde o cérebro com a possibilidade e o potencial de fazer fotos poderosas. Sou um fotógrafo. Me deem liberdade.

Kevin Carter era o caçula da gangue. Foi o primeiro fotojornalista a registrar a novidade que os negros instituíram para punir delatores, e que passou a ser conhecida como “colarinho”. Ou “carne queimada”. Ou “três centavos” (o preço de uma caixa de fósforos). Enfiava-se um pneu encharcado de gasolina no pescoço da vítima e ateava-se fogo. Depois de testemunhar e fotografar a execução de uma jovem, acusada de namorar um policial, Kevin desabafara com os amigos: “Fiquei horrorizado com o que faziam, fiquei horrorizado com o que eu fazia... Mas talvez minha ação não tenha sido de todo má”. Ele, que ostentava uma tatuagem do mapa da África no ombro direito, aterrissou na profissão com uma coleção de problemas pessoais na bagagem. Vinha de um ambiente familiar disfuncional, desertara do serviço militar e já tinha tentado o suicídio.

Dos quatro, o moçambicano João Silva, educado em Portugal e imigrado na África do Sul, foi quem escolheu com a maior clareza a profissão: queria cobrir guerras. Ponto. Baixinho e feio, não se encaixava em nenhuma turma de brancos de Joanesburgo. Um dia, fotografou uma jovem negra sendo atacada a golpes de foice por um grupo de mulheres de Thokoza. Foi seu batismo. Rebelde, sempre mal-ajambrado e com a barba por fazer, tratava com a mesma atitude seus editores de fotografia e o perigo de fotografar: “Danem-se”.

Com o passar dos anos, o grupo foi sentindo os efeitos do trabalho que escolheu. João se tornara mais quieto e retraído. Kevin tinha picos e abismos emocionais. Queixava-se de um pesadelo recorrente, no qual se via estirado no chão, à beira da morte, com uma câmera de televisão se aproximando mais e mais de seu rosto. Acordava aos berros. Para João, as vítimas fotografadas pelo grupo de amigos certamente sentiam o mesmo medo, raiva e desesperança ao terem seus últimos instantes de vida focados por uma câmera. Raramente discutiam a questão central — quando é que você deve apertar o disparador e quando deve cessar de ser fotógrafo —, mas João argumentava que eles talvez devessem pagar um preço pelas fotos que tiravam. O tema sempre deixava Kevin intranquilo. Numa noite em que havia bebido e fumado muito, o caçula admitiu pela primeira vez ser viciado num coquetel perigosíssimo: Mandrax, maconha e tranquilizante.

Um consultor, contratado para fazer a radiografia do jornal sul-africano do qual Ken era editor e os outros três eram repórteres fotográficos, chegou a recomendar a João que consultasse um psicólogo e a Kevin que parasse de cobrir o ciclo de matanças da periferia. Estavam todos chegando perto do limite, mas continuavam competindo entre si. Quando o moçambicano anunciou que partiria para o Sudão, a fim de cobrir o genocídio de tribos cristãs pelo governo islâmico da época, Kevin decidiu ir junto, numa tentativa de revitalizar sua carreira.

Foi ali que as duas carreiras se cindiram.

O meticuloso João Silva, que já conhecia o Sudão, montara a pauta, fizera todos os contatos e pesquisara a fundo o roteiro a seguir. Ao percorrer uma aldeia chamada Ayud, contudo, nada encontrou que merecesse mais do que um clique banal. Só que Kevin, depois de percorrer as mesmas vielas, voltara ao ponto de partida com uma febrilidade na voz.

“Cara, você não vai acreditar no que acabo de fotografar!”, anunciou. “Eu estava fotografando uma criança, mudei de ângulo, e de repente vejo um urubu atrás dela. Continuei fotografando.”

“Onde?”, quis saber João, tenso.

“Ali”, apontou Kevin.

João já fotografara a mesma menina em chão de terra batida, mas sem urubu.

“É que eu enxotei o abutre”, informou Kevin.

Ambos retornaram em silêncio à África do Sul. A foto cruzou o Atlântico e foi comprada com exclusividade pelo jornal mais prestigioso do mundo.

Quando a editora de fotografia do *New York Times* acordou Kevin numa madrugada de fevereiro de 1994, em Joanesburgo, para lhe comunicar que ele acabara de receber o Prêmio Pulitzer pela foto da menina e o abutre, ficou alarmada. Kevin não reagia, como se não entendesse a gloriosa notícia. Respondia confusamente e parecia chapado, só falava de como ia mal no emprego. “Kevin”, insistiu Nancy Lee, “você está entendendo o que acabo de dizer? Você ganhou o Pulitzer, nada mais interessa.” “Sei”, respondeu lacônico o fotógrafo do outro lado da linha. A direção do jornal começou a ficar inquieta. Havia muito se habituara a colecionar Pulitzers por trabalhos de reportagem. Fora a primeira vez, porém, que o jornal indicara um fotógrafo freelance — que não fazia parte da equipe da casa. E justo esse vencera. Mas como fornecer o telefone de Kevin ao resto da imprensa mundial que o caçava, quando ele aparentava estar sempre embriagado?

A foto correria o mundo como emblema da fome na África. Primeira página de todos os jornais, ela fora transformada em pôster, usada em campanhas filantrópicas, virara ícone.

Dela brotara, também, a questão que perseguiu Kevin Carter até a morte: uma vez acionado o disparador e obtida a imagem, o que fez o fotógrafo para ajudar a criança caída? À medida que o tema engrossava — crianças de escola americanas queriam saber, equipes de televisão do mundo inteiro pressionavam por uma resposta —, Kevin variava sua versão. “Odeio esta foto”, declarou numa de suas últimas entrevistas, para a revista *American Photo*.

Greg, no livro, faz uma reflexão genérica sobre os dilemas desse tipo de trabalho de campo.

João e eu também vimos muitas crianças morrerem na nossa frente e também só fotografamos. Somos pagos para isso. Tragédia e violência produzem imagens fortes. Mas há um preço embutido em cada uma dessas imagens: um pedaço da emoção, da vulnerabilidade, da empatia que nos torna humanos se perde a cada vez que acionamos o disparador.

No dia 18 de abril de 1994, faltando menos de uma semana para a África do Sul enterrar o regime do apartheid, a gangue dos quatro fotografava o último surto da guerra intestina quando a sorte lhe faltou. Greg foi o primeiro a levar um tiro no peito, que lhe abriu um rombo do tamanho de uma laranja. “Num plano intelectual, eu admitia a possibilidade, talvez até a probabilidade, de algum dia ser ferido. Mas no plano emocional eu me considerava intocável, imortal. A patética crença de ter o controle sobre mim, sobre meu destino e meu entorno foi esvaída”, contaria mais tarde. Como primeira reação, o franzino João Silva se pôs a fotografar furiosamente o companheiro ferido. Segundos depois, em meio ao pandemônio, alguém grita: “Ken O. foi atingido”. Num segundo surto, João se pôs a registrar o momento da morte de seu melhor amigo. Olhos abertos já sem expressão, com uma trilha de sangue a lhe escorrer pela boca, sendo puxado por outro jornalista. “Ken vai gostar de ver as fotos amanhã”, pensou ainda, numa defesa instintiva contra o fato real. Ocorreu-lhe também que Ken, sempre o dândi do grupo, talvez preferisse ser fotografado com o cabelo mais em ordem. Ken, o profissional consumado, passara anos incutindo em João a ética de primeiro fotografar e depois lidar com o resto.

Para João, o “depois” foi terrível. “Como pude fazer essas fotos? Será que perdi minha alma?”, perguntava soluçando no colo de Kevin.

“Pelo menos você estava lá”, respondeu sombriamente o amigo que justo naquele dia fatídico tinha abandonado a fuzilaria para conceder mais uma entrevista sobre o Pulitzer recebido semanas antes.

Kevin suicidou-se dois meses depois, perto de um córrego de Joanesburgo onde brincava na infância. Tinha 33 anos. Foi encontrado sem vida na surrada caminhonete de cujo escapamento saía uma mangueira. A outra extremidade estava afixada numa fresta da janela e apontava para o interior do carro.

Na carta que deixou, dizia:

Eu sinto muito. A dor da vida ultrapassa a alegria ao ponto em que a alegria não existe... deprimido... sem telefone... dinheiro para o aluguel... dinheiro para sustentar as crianças... dinheiro para dívidas... dinheiro!... Estou assombrado pelas vívidas memórias de mortes e cadáveres e raiva e dor... de crianças famintas ou feridas, de loucos com dedo no gatilho, muitas vezes policiais, carrascos assassinos... Fui juntar-me ao Ken se eu tiver sorte.

Resta uma frase do diário de Ken Oosterbroek, escrita seis anos antes de ele ser baleado diante dos amigos: “Espero morrer com fotos boas pra cacete no meu rolo de negativos — se não for assim, não terá valido a pena”.*

Fevereiro de 2001

* Em outubro de 2010, durante uma cobertura de guerra para o *New York Times*, João Silva pisou numa mina terrestre na região de Kandahar, no Afeganistão. Sem perder os sentidos durante a explosão que levou à amputação de suas duas pernas, o fotógrafo ainda bateu três chapas da cena. Setenta cirurgias depois, ele voltou à profissão amparado em pernas mecânicas.